

4468.1814 Cimi vê maior organização nas comunidades

A maior contribuição do Conselho Indigenista Missionário (Cimi-Norte 1-Norte 1) nos seus 25 anos de existência é não ser mais o único porta-voz das populações indígenas. "Hoje, elas próprias falam por si, estão organizadas em entidades que têm posicionamento na defesa da demarcação das terras", disse ontem o vice-presidente nacional da entidade, Francisco Guinter. Ele é um dos participantes do seminário de avaliação dos 25 anos, que estará sendo realizado até quinta-feira no Centro de Treinamento Maromba.

Criado para quebrar as "ilhas" formadas pelas missões religiosas nas reservas indígenas, o conselho promoveu a articulação entre os povos, garante Guinter. "Isso foi muito importante para estimular a organização que tinha problemas e interesses comuns", explica. No seminário, que conta com 40 participantes, entre missionários e pessoas ligadas ao movimento indígena, os itens que estão sendo debatidos são o relacionamento do Cimi-Norte 1 com o Estado, que hoje quer repassar à entidade, ligada à Igreja Católica, algumas atribuições. Entre elas estão a realização de alguns programas de saúde, com os movimentos indígenas e uma avaliação do Cimi-Norte 1 feita pelos próprios missionários.

"As ONGs vem sendo chamadas para assumir o papel do governo, mas quando assumimos, como fizemos com o programa da Aids para os indígenas, o Governo não pagou", criticou ele, apontando para o abandono por parte do Estado no que se refere aos problemas de saúde dos indígenas.

"Estamos avaliando em que medida contribuimos no processo de autonomia dos povos indígenas", afirma Francisco Guinter, ressaltando a importância do fato de a entidade voltar para si o olhar e fazer a sua auto-análise. "Vamos saber se estamos nos burocratizando, se estamos atuando dentro das necessidades atuais, entre outros itens", explica, ao assegurar que o grande desafio do Cimi-Norte 1 continua sendo o de quebrar as "ilhas de resistência" às causas existentes das dioceses.